

A UTILIZAÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS NA ESCOLA GETÚLIO VARGAS.

Rosiane da Silva LIMA (UFPA)¹
Elson de Menezes PEREIRA (UFPA)

RESUMO: Os gêneros discursivos são considerados instrumentos que facilitam nossa fala e escrita (SCHNEUWLY, 2004). Desta feita o objetivo desta pesquisa é identificar a compreensão dos professores, da escola Getúlio Vargas, no município de Melgaço, no que tange os usos dos gêneros discursivos. Assim como, analisar a visão destes com relação aos gêneros textuais escritos e orais. Para realização da pesquisa foram entrevistados cinco professores de língua portuguesa, do ensino fundamental de escola pública. Foi empregada como ferramenta de coleta de dados a entrevista semiestrutura. As análises das entrevistas são ancoradas pelas abordagens de Antunes (2003), Bakhtin (1997), PCNs (1999) e Marcuschi (2007). Como resultado é possível concluir que: o ensino aprendizagem em muito está voltado para as formas escritas da língua, talvez pela visão errônea de que os alunos já são falantes da língua e; os gêneros do discurso são pouco trabalhados e quando o são, não são utilizados como objetos de ensino e sim como ferramenta de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Gêneros orais. Competência comunicativa.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o uso dos gêneros textuais discursivos na escola Getúlio Vargas. O qual através de pesquisa busca evidenciar o porquê de questões como: A dificuldade de alguns alunos, quando se trata da fala formal em público, uma vez que são falantes da língua. Buscando trazer a conhecimento o tratamento que é dado às formas do discurso e qual a concepção que os educadores têm a respeito das modalidades de fala e escrita em se tratando do ensino aprendizagem para se adquirir competência comunicativa.

Está disposto em alguns tópicos, a saber: o uso dos gêneros textuais discursivos e gêneros escritos nas escolas, este vem elucidar a relação entre gêneros orais e escritos, bem como, mostrar a visão que se tem desses gêneros e sua utilização. Concomitantemente há o segundo tópico que vem abordar os gêneros textuais discursivos como instrumento que facilitam a fala dos alunos, ou seja, são consideradas “megainstrumentos [...] ou conjunto de instrumentos” (SCHNEUWLY, 1994, p. 28) para se adquirir competência comunicativa. Paralelamente há a metodologia, onde abordamos, em síntese, os passos que se levaram para a pesquisa e coleta de dados, em seguida, temos a apresentação dos dados coletados e análise dos mesmos, tal análise é ancorada nas teorias do gênero do discurso. Por fim, as considerações finais e apreciação de tudo que foi abordado.

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Pará – campus universitário do Marajó – Breves.

1 O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS DISCURSIVOS E GÊNEROS ESCRITOS NAS ESCOLAS

[...] A relação entre gêneros orais e gêneros escritos não é uma relação de dicotomia. É antes uma relação de continuidade e de efeito mútuo, isto é, gêneros orais podem sustentar gêneros escritos; gêneros escritos podem sustentar gêneros orais. Eles estão em mútua interdependência, cada gênero oral que entra na escola, em geral, pressupõe a escrita, assim como cada gênero escrito trabalhado na escola pressupõe o oral. Então, de certa maneira, esta é uma distinção relativamente artificial, pois há um entrelaçamento contínuo. (SCHNEUWLY, 2005, apud ROJO; SCHNEUWLY, 2006, p. 467).

Conforme o autor tanto os gêneros orais como os escritos são de suma importância para desenvolver progressões em sala de aula, assim como fora dela, pois um auxilia o outro, não havendo assim dicotomias entre eles, mas sim interdependência. Todavia, o ensino tem se fechado para essa visão, pois, o objeto de ensino em algumas escolas tem se centrado às formas escritas. Tal preferência baseia-se no fato que os alunos, são falantes da língua e que estão em constante contato com a fala diariamente e por isso não é preciso ensinar, quaisquer usos e formas da língua.

Conforme Castilho (1998, p. 13)

[...] não se acredita mais que a escola deve concentrar-se apenas no ensino da língua escrita, a pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa. Ora, se essa disciplina se concentrasse mais na reflexão sobre a língua que falamos, deixando de lado a reprodução de esquemas classificatórios, logo se descobriria a importância da língua falada, mesmo para a aquisição da língua escrita. (CASTILHO, 1998, p. 13)

Praticar essas formas, e apropriar-se delas, contribui significativamente, para que os alunos possam dominá-las do ponto de vista formal, pois o informal os educandos já dominam, ou seja, eles têm contato com gêneros orais no seu dia-a-dia, em suas casas, com os amigos em conversas espontâneas. Entretanto esses são os gêneros primários, aqueles que não exigem muito do indivíduo, pois são os utilizados rotineiramente em casa, com os amigos, isto é, não são planejados, são espontâneos. (BAKHTIN 1953-1979 apud SCHNEUWLY, 1994) Mas e a fala em público? A escola tem tomado para si a tarefa de preparar os alunos para o convívio social, de forma que estes possam tomar a palavra com proficiência? São muitas as perguntas e poucas as respostas. Entretanto o que se pretende é que os professores busquem ampliar o leque de suas atenções, deixando espaço para os gêneros orais, pois são tão importantes, quanto os gêneros escritos. Segundo Marcushi (2007, p. 16) “não são as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas *os usos da língua*. Pois são as formas que se adequam aos usos e não o inverso” (grifos do original). Segundo Geraldi (1984)

A linguagem é uma forma ou processo de interação, pois além de ser um meio de comunicação entre emissor/receptor é uma forma de interação humana em que o sujeito pratica ações que seriam inexistentes sem a fala (GERALDI, 1984, apud LEHMANN, 2011, s.p.).

Mas o que se percebe que ainda hoje algumas escolas têm privilegiado o uso dos gêneros textuais escritos, deixando de lado os gêneros do discurso. Fator que contribui significativamente para o baixo rendimento do alunado. Tendo alegado, pois, que os alunos já dominam a fala, na sua variedade oral, ou seja, são falantes, e que o papel da escola é trabalhar a escrita, isto é, tem como objeto de ensino os gêneros textuais. Conforme Brasil (1998, p. 48) “talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da linguagem oral”.

Assim, parece-nos que a prática da oralidade tem sido deixada de lado na escola regular, pois, acreditando que os alunos “dominam” a língua na sua variedade oral, pode-se pressupor que não há porque discutir a competência oral daqueles que já são falantes (ANTUNES, 2003 apud ROSA, 2010 p 152).

A modernidade é fato, mas e o ensino, será que tem se modernizado? Será que as práticas escolares tem acompanhado a evolução do mundo? É necessário que professores busquem olhar com mais atenção para as reais dificuldades de seus educandos, e busque enriquecer o ensino, ampliando-o de forma que atenda todas as exigências do mundo globalizado e assim possa contribuir satisfatoriamente às premissas dos educandos. Assimilando novas formas e buscando desenvolver competências comunicativas que são quase impossíveis desenvolvê-las, utilizando-se de métodos tradicionais. Segundo Magalhães (2001, [s.p]) “devemos romper com a insistência no ensino de unidades isoladas como frases, palavras e sons, indo ao encontro da concepção de língua como interação social”, haja vista que o ensino de gramática por si só não da conta de um ensino profícuo e eficaz.

Essa nova abordagem do ensino torna-se necessário, pois, conforme Reinaldo Polito (2002, apud CARVALHO, [s.d] p. 10) “as pessoas passaram a ficar expostas com mais frequência e precisam se expressar bem, [...], ou seja, a comunicação deficiente normalmente pode ser confundida com a falta de competência”.

Muitos professores queixam-se [...] da dificuldade que grande parte dos alunos tem em participar, em tomar a palavra em público, em discutir problemas com os outros, em corroborar ou refutar um ponto de vista. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 83)

O que se pretende segundo Antunes (2003) é que seja ampliada a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno, mais fluente e interessante da fala. Isto é, incitando-o para que este se torne um sujeito ativo e participativo, que discorda, critica e contribui para o ensino. Só assim o educando estará se preparando para futuras interações com sucesso.

O trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição da fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva (...). Dedicar-se, ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação. (MARCUSCHI, 2001, p. 83)

É possível definir que o trabalho com os gêneros do discurso trará inúmeros benefícios, todavia é necessário rever o produto a ser ensinado, pois de acordo com Antunes (2003, p 108) “A mudança no ensino não está na metodologia ou nas “técnicas” usadas. Está na escolha do objeto de

ensino”. Pois, o ensino tradicionalista, baseado na gramática normativa, não tem gerado no aluno competências comunicativas e habilidades em “ser” e “dizer” o que se pretende. “O importante é abandonar a escrita vazia, de palavras soltas, de frases soltas, de frases inventadas que não dizem nada porque não remetem ao mundo da experiência ou da fantasia dos alunos” (ANTUNES, 2003, p. 115).

É preciso criar contextos de produção também para os gêneros do oral – em que se determinam quem é o público, o que será dito e como. ‘É isso que permite aos alunos se apropriarem das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão em situações de comunicação’, explica Bernard Schneuwly, da Universidade de Genebra, na Suíça, no livro *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. (SANTOMAURO, 2010, p. 42)

Para Bakhtin e Volochínov (2009, p 115) expressão “é tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do individuo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores”, é preciso criar contextos onde os gêneros são ensináveis. Orientados por questões como “o gênero que será abordado, a quem será abordado e que forma assumirá a produção” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2001, p. 99).

Além disso, é importante que o professor dê voz aos seus alunos, deixe-o partilhar de suas vivências em sala. O educando não é uma tabula rasa, ele traz consigo conhecimentos importantes, que possibilitará aos seus colegas, conhecê-lo melhor, saber um pouco mais sobre suas crenças, cultura etc... O que pode facilitar também no processo de ensino aprendizagem.

Via de regra o aluno não procede de um meio letrado. Sua família enfrenta as tensões da vida urbana, uma novidade para muitas delas. A escola deve iniciar o aluno valorizando seus hábitos culturais, levando-o a adquirir novas habilidades desconhecidas de seus pais. O ponto de partida para a reflexão gramatical será o conhecimento linguístico de que os alunos dispõem ao chegar à escola: a conversação. (CASTILHO, 1998, p. 21)

É plausível que a escola mostre aos educandos que existem várias maneiras de discurso, que vai desde a situação informal à mais formal, ou melhor, existe os orais e não o oral. Conforme Schneuwly (2004, p. 135) “Não existe o “oral”, mas “os orais” sob múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender”. Fazer uso desse recurso exige treinamentos e contato, pois, utilizamo-nos da oralidade em todas as circunstâncias da vida, e ter o domínio discursivo, significa ser bem sucedido, pois de acordo com Foucault, “língua é poder” (FOUCAULT apud BONNICI, 2003, p. 207). “É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente”. (BRASIL, 1998, p. 49). Pois segundo Ara Froldi e O’Neal (1998, p.16 apud CARVALHO, [s.d], p. 9).

Em época de competitividade, expressar-se de forma correta e eficiente tornou-se necessário, inclusive, como elemento classificatório para se obter um novo emprego. As empresas valorizam e empregam, quase sempre, quem sabe se expressar bem. (FROLDI e O’NEAL, 1998, p.16 apud CARVALHO, [s.d] p. 9).

O que torna mais forte a necessidade da escola buscar melhorias para o ensino, tornando-o mais prazeroso de ensinar e de aprender. Cabe a ela preparar o aluno para enfrentar o mundo do trabalho, capacitando-o e preparando-o, para que seja um sujeito capaz de expressar-se em público, adequando seu discurso aos diferentes meios sociais, sabendo ouvir e intervir da melhor forma possível, incitando cada vez mais habilidades e competências. Fazem-se necessárias atividades de leitura, escuta e reflexão que estejam engajados também atividades que envolvam o uso da oralidade, tais como: júri simulado, debates, seminários etc... As quais propiciam aos alunos um melhor aperfeiçoamento no uso da língua. Pois o que se percebe é o que os alunos apresentam grandes dificuldades em expor, suas ideias, argumentar sobre assuntos contemporâneos etc. Conforme Brasil (1998, p. 50) “é preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de língua portuguesa, quer sejam das demais áreas do conhecimento”.

A linguagem tem um importante papel no processo de ensino, pois atravessa todas as áreas do conhecimento. “No âmbito dessa abordagem, parece-nos é indispensável em primeiro lugar propor **atividades que façam sentido para os alunos**, que os coloquem diante de situações cujas finalidades sociais e comunicativas possam ser percebidas e dominadas por eles”. (CUNHA, 2008, p. 64 grifos do original) Hoje quase sempre quem não domina a palavra em público, não tem habilidades e estratégias para proferi com proficiência o que deseja, é taxado de incompetente e excluído do grupo, pois, “A utilização incerta e ambígua de termos tais como “fala” ou “fluxo verbal” revela o mesmo menosprezo pelo papel ativo do outro no processo de comunicação verbal”. (BAKHTIN, 1997, p. 164) E quando se trata de entrevistas de emprego perde a chance de mostrar suas qualidades, pois em alguns casos a primeira impressão é a que fica.

A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes. (BRASIL, 1997, p 17)

Através da linguagem o indivíduo pode se manter atualizado e conectado com o mundo, além de repassar conhecimento aos outros e receber conhecimentos que lhe serão úteis na vida em sociedade e pessoal. Uma vez que as inter-relações contribuem consideravelmente para o indivíduo. Conforme Brasil (1997, p. 17) “a comunicação com as pessoas, permite a construção de novos modos de compreender o mundo, de novas representações sobre ele”. Para se comunicar, dizer ou debater sobre diversos assuntos é necessário conhecimento acerca do assunto, e desenvoltura para defender ideias, fator extremamente importante, que é possível quando se sabe tomar a palavra com autonomia e habilidades para contornar o discurso, adequando-o ao(s) seu(s) interlocutor(es).

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa,

do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (Brasil, 1997, p 21)

Considerando o exposto acima, é necessário ir além da gramática normativa que é ensinada de forma descontextualizada, sendo um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano. (BRASIL, 1997), e que sejam levados em consideração instrumentos que possam desenvolver habilidades nos educandos, que lhe serão úteis também, fora dos muros escolares, tais como os gêneros do discurso que transcendem a visão purista da língua. “Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas” (BRASIL, 1997, p. 22).

Espera-se que a escola prepare os educandos, para que possam fazer uso de sua cidadania de forma plena e profícua e assim fazer parte do mundo letrado, não sendo estes sujeitos passivos, que só absorvem falas e as imitam. Segundo Brasil (1997, p. 28) “o ensino de língua portuguesa assim também como as outras áreas, deverá se organizar de modo que os alunos sejam capazes de:”

Expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados;

Valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, ideias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário. (BRASIL, 1997, p. 28)

A linguagem é um constante processo de interação, mediado pelo diálogo, sendo ela também fonte que aproxima os indivíduos e os mantém sempre informados, aproxima os saberes, não sendo, pois, um processo autônomo e isolado do mundo. Pode-se afirmar que é um instrumento que media as inter-relações, transformando em meio de obtenção de conhecimento.

1.1 GÊNEROS TEXTUAIS DISCURSIVOS INTRUMENTOS PARA ADQUIRIR COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

Os gêneros textuais são instrumentos que devem servir como base ou como objetos de ensino, uma vez que as regras de bom uso da língua por si só não têm dado conta de desenvolver competência comunicativa, isto é, ser competente do ponto de vista languageiro e bem mais que conhecer regras gramaticais, mas é saber utilizar a oratória em instâncias públicas adequando-a, a diversas situações comunicativas. Dessa forma, segundo Castilho (1998, p. 13 apud CARVALHO, [s.d] p.7) “[...] não se acredita mais que a escola deve concentrar-se apenas no ensino da língua escrita, a pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa”. Pois os (PCN/MEC, apud CARVALHO, [s.d] p. 8) propõem que:

A escola organize o ensino de modo que o aluno possa desenvolver seus conhecimentos discursivos e linguísticos, sabendo [...] expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato; refletir sobre os

fenômenos da linguagem particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (PCN/MEC, apud CARVALHO, [s.d] p 8)

O trabalho com diferentes gêneros do discurso é mais satisfatório, pois com a apropriação desses instrumentos contextualizando-os com problemáticas vivenciadas, possibilitará o desenvolvimento das capacidades discursivas dos alunos, isto é, “Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados [...]. Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais. Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro”. (BAKHTIN, 1997, p 169), pois conforme Schneuwly (1994 apud ROJO, 2000, p 72) “apropriar-se dos gêneros [...], é reconstruir a linguagem em novas situações concretas de comunicação, mais complexas, que certamente levarão os alunos a uma autonomia progressiva nessas atividades comunicativas”. Dessa forma a inovação primeira estaria em, adotar um processo de ensino aprendizagem mais conectado aos gêneros do discurso.

Existe uma gama de gêneros orais que podem ser usados em sala e adequados aos temas transversais que estejam contextualizados, aprimorando o contato dos alunos com os gêneros do discurso e enfatizando o desenvolvimento da competência comunicativa deles em atividades que levem em consideração a língua em uso, ou seja, utilizá-la de forma adequada e profícua requer contato com a mesma.

Dentre a diversidade de gêneros orais, vale elencar alguns, a saber: o debate regrado, júri simulado, seminário etc... São pouco utilizados, mas deveriam ser utilizados em sala com frequência, isto é, são importantes instrumentos, na tentativa de desenvolver competências e habilidades comunicativas nos educandos. Visto que, “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 1999, p.103 apud DIONÍSIO et all, 2002, p. 29). Conforme Barros e Rosa, (2012):

O debate é um gênero textual de cunho opinativo que se insere nas práticas de oralidade de uma comunidade, tendo como ação social de fundo uma discussão entre as partes com base em argumentos ou exposição de razão. O gênero em tela permeia diversas esferas comunicativas, realizando-se também em distintos graus de formalidade, e regras de funcionamento: na conversação cotidiana, no espaço jurídico, no campo da política, na mídia televisiva, bem como no domínio escolar, debater é uma prática rotineira, seja com vistas, nas relações de diálogo, compreender um tema controverso, seja para defender ou formar opiniões, entre outros. (BARROS; ROSA. 2012, s.p)

Além do debate há também o seminário que é um instrumento que abarca a língua em uso e possibilita ao aluno a utilização da fala em situações formais e a produção de conhecimento, desenvolvendo acerca da utilização desse instrumento habilidades necessárias para sua concretização, e aprimoramento da modalidade discursiva. Entre outros também há o gênero júri simulado, um gênero que quando utilizado pode gerar situações de planejamentos da fala dos alunos, levando-os a desenvolver competências, tais como: a competência gramatical, a sociolinguística; a discursiva e a estratégica as quais quando aprendidas não são apenas utilizadas

em contextos escolares, mas são também utilizadas em contextos extraescolares permitindo aos alunos uma maior desenvoltura no meio social, e com isso mais facilidades de debater, argumentar, criticar sobre diversos assuntos.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (Brasil, 1997, p 16)

Conforme PCN de Língua Portuguesa é direito inalienável de todos e dever do estado, promover a democratização, para que cada vez mais, os alunos tornem-se capazes e eficientes em proferir a palavra em público e em qualquer situação comunicacional, tornando-se capazes de posicionar-se contra ou a favor, de determinados assuntos, sabendo usar a palavra, de forma a respeitar o outro e sendo contundente em seus argumentos.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (BRASIL, 1999, p. 67)

As inter-relações com o mundo exigem muito do individuo assim como contribuem muito para ele, fazer uso da língua de forma adequada é ter vantagens. Assim segundo Brasil (1997, p 17) “aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas”. Isto é, dominá-la é ter a chance de ser bem visto, de ser aceito, de fazer valer sua cidadania, além de não ser só mais um, que acata tudo que vem dos outros, sem argumentar, criticar, dar opiniões. Tudo isso é possível com o uso da palavra de forma adequada ao meio social e ao assunto.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico e campo, realizada no município de Melgaço, mais precisamente com cinco professores de língua portuguesa da escola Getúlio Vargas. Formados pela Universidade Federal do Pará (Licenciatura Plena em Língua Portuguesa- Letras) com exceção de um que é formado por uma universidade privada. Os entrevistados são atuantes na área entre 5 a 7 anos, estão identificados como professores: P1, P2, P3, P4 e P5.

O objetivo principal da pesquisa é entender o porquê das dificuldades de alunos em proferir a palavra em público de forma profícua e contextualizada; identificar com qual frequência os gêneros do discurso são empregados na sala de aula e qual a relação que é dada aos gêneros escritos e orais.

Os docentes foram peças chave para a continuação da pesquisa, foram nossos suportes para obtenção de dados e compreensão dos usos e o ensino dos gêneros orais, bem como, a relação concebida por estes, da escrita e oralidade na devida instituição de ensino.

Para a realização da pesquisa foi realizada a entrevista semiestruturada, que serviu como ferramenta para coleta de dados, a qual contou com algumas questões para a obtenção de possíveis respostas, que permiti-nos ratificar, e assegurar nossa pesquisa bibliográfica.

As questões empregadas baseavam-se nos seguintes temas:

1. Qual a importância do gênero oral?
2. Os gêneros orais são utilizados como ferramenta de ensino ou como objeto de ensino?
3. Como você pensa a relação entre oralidade e escrita?
4. Você concorda que os gêneros orais são pouco utilizados em relação ao uso da escrita?

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

No que tange o uso dos gêneros orais na escola Getúlio Vargas foi possível observar a partir das falas dos entrevistados que, foram unânimes em dizer que os gêneros orais são utilizados como ferramenta de ensino. São correntes falas como “os gêneros orais pra mim são minhas ferramentas de ensino, pois trabalho a categorização deles e estruturação, mostrando ao aluno os diferentes modos de organização e função social que cada um possui” (PROFESSOR 3).

Os professores foram bem sucintos em suas respostas, deixando claro que, os gêneros orais para eles são tidos como ferramenta de ensino. O que permiti-nos afirmar, mediante a isso que não são tidos como objetos de ensino.

Ainda em análise, percebe-se outro fator, presente na fala do Professor 1 (P1) onde este enfatiza que os gêneros orais são utilizados, entretanto não com tanta frequência como a variedade escrita.

Os gêneros mais trabalhados em sala de aula variam de acordo com as instituições de ensino, em sua maioria o que se percebe é que os que desenvolvem a escrita são mais trabalhados (PROFESSOR 1).

Em comparação com as falas observou-se que todos foram enfáticos em dizer que os gêneros escritos são mais ministrados.

Os gêneros escritos são mais usados que os orais, pois em sala de aula, há alunos que não sabem ou preferem não usá-los, às vezes por vergonha, mas há professores também que pouco trabalha com os gêneros orais, [...] preferem enfatizar a escrita (Professor 5).

De acordo com Professor (P5) muitos alunos sentem vergonha de falar em público, atribuindo o fenômeno ao fato do pouco uso das formas orais. O que prejudica o educando, pois estamos em constante interação, e a linguagem é primordial para a inserção do ser humano em sociedade. Muitos alunos, nas palavras de Professor (P3) apresentam problemas emocionais, tais

como, o nervosismo, a pouca confiança em sua capacidade. Fatores que também influenciam no baixo rendimento escolar e na deficiência em interagir no meio social ao qual está inserido.

A maioria de nossos jovens adolescentes apresentam problemas emocionais que interferem em sua linguagem (PROFESSOR 3).

[...] a relação entre oralidade e escrita é muito importante, uma vez que a escrita é a representação do oral, o que faz com que uma não seja menos importante que outra, mas sim que o educando saiba usar a escrita de forma correta e o oral de forma adequada e assim será uma relação perfeita e compreendida por todos durante a situação de comunicação (PROFESSOR 5).

Como enfatiza o professor (p5) a oralidade e escrita são de suma importância, pois favorecem uma boa enunciação. Todavia o docente caracteriza a escrita como sendo representação do oral, o que não é verdade em parte, pois, nas palavras de Marcuschi “a escrita não pode ser tida como uma representação da fala [...] porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo” (MARCUSCHI, 2007, p17). A oralidade tal como a escrita é fundamental, pois “oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas”. (MARCUSCHI. 2007, p 17)

Mesmo sabendo da importância da oralidade na vida dos educandos, exposto nas seguintes falas: “o gênero oral prepara o aluno para situações de comunicação que exijam habilidade nessa modalidade”, (PROFESSOR (p4)). Nesta esteira o professor (p1) reafirma que “é importante, pois o processo de aprendizagem exige que o aluno em sua totalidade faça uso desse gênero para ter uma boa relação com o meio em que vive”. Há nestas falas uma reiterada percepção da relevância dos gêneros orais.

A escola tem se dedicado mais para a escrita e deixa de lado os gêneros orais, uma vez que na proposta da escola não é contemplado de forma satisfatória o oral, além de muitos professores, em sua própria aula, não realizarem atividades orais, mas verificam quase todos os dias as atividades de seus alunos. (PROFESSOR (p5)).

A escola reflete o que a sociedade de forma geral vem vivenciando nos últimos anos em que se apropria principalmente da escrita para se comunicar. (PROFESSOR (p1))
Percebe-se que, a escola ainda não entendeu que o desenvolvimento da comunicação oral precede e fundamenta o da comunicação escrita. (PROFESSOR (p3)).

Mediante a isso, enfatiza-se que há ainda muito que se pensar e falar no ensino dos gêneros do discurso, buscando enfatizar sempre as propostas como a dos PCNs e Bakhtin, que contemplam propostas de ensino, nas quais os gêneros do discurso estão inseridos. Pois de acordo com as falas elencadas acima, na devida escola em análise, o uso dos gêneros orais, ainda são restringidos, ou seja, o ensino de língua materna em muito está se voltando para as formas escritas, sendo os gêneros orais utilizados em minoria, não de forma sistemática, muito menos, como objeto de ensino, mas sim como ferramentas de ensino, para o processo avaliativo.

Dessa forma, cabe ressaltar que é preciso estar inserido nas propostas de ensino, os gêneros orais, pois, estes “são em comparação com as formas da língua, muito mais fáceis de combinar e

mais ágeis". (BAKHTIN 1953/1979, p. 304 apud SCHNEUWLY, 1994, p. 27) Só assim, com a inserção destes é possível alcançar as metas para se chegar ao ensino de excelência, capaz de abranger todas as necessidades dos educandos, buscando atender as premissas do mundo moderno, preparando estes para a vida e não somente para conseguir uma boa nota e passar de ano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise em pauta, considera-se que o ensino aprendizagem em todos os seus níveis precisa abranger também a língua em uso. É fundamental ter como meta, a formação de alunos cada vez mais competentes, que saibam usar a palavra em todas as circunstâncias, das mais prováveis às improváveis, de forma profícua e fluente, adequando sempre seu discurso ao meio social em que está inserido, tornando-se assim um perfeito cidadão que luta por seus objetivos.

Dados desta pesquisa permitem inferir que o ensino dos gêneros orais, é visto como algo que é importante, mas não tem sido primazia para o ensino, ou seja, ainda é passado ao largo dos olhares docentes, que acabam enfatizando de forma vantajosa o uso da escrita, enquanto que os gêneros discursivos são em comparação com as formas escritas, esquecidos e usados apenas como ferramenta de ensino, ou seja, não é priorizada a língua em uso, e sim as formas da língua, talvez por isso o grande problema de alunos em utilizar a oratória com eficácia.

É perfeitamente possível alcançar um ensino de excelência, mas é preciso ampliar o foco de nossas atenções e começar utilizar os gêneros discursivos no processo educacional para a aquisição de habilidades e competências, para que os alunos sintam-se familiarizados com estes, e possam se monitorar e montar estratégias para uma boa enunciação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: Encontro & Interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003- (Série Aula; 1)

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 13^a.ed.- São Paulo: Hucitec, 2009.

BARROS, José Batista; ROSA, Adriana Letícia Torres da. **A Produção Textual na Escola: Abordagens do Gênero Debate em Estudo.** In: Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares nacionais: **Língua Portuguesa: ensino de primeira à quarta série.** Brasília, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

CASTILHO, Ataliba. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CARVALHO, Rosalice M. **A Comunicação Oral**: uma reflexão sobre usos e desusos em sala de aula. [S.D].

CUNHA, José Carlos. **Língua e ensino de língua**: Estudo de língua e seu ensino no Brasil. Revista do GELNE, Vol. 10, Nº 1/2, 2008, pp.60-65.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.) **Gêneros textuais e ensino**, 2^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências Didáticas Para o Oral e Escrita**: apresentação de um procedimento. Edições de Boech, 2001.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica pós- colonialistas**. In: Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Org: Tomas Bonnici, Lucia Osana Zolin.- Maringá: Eduem, 2003.

LEHMANN, Bianca Alves. **Ensino Dos Gêneros Orais Formais Em Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/inletras2011/Trabalhos/2331.pdf>> acessado em 09/05/ 2013.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; SALLÉS, Marilene e Mattos. **Repetições: uma Abordagem discursivo-interacional**. In: Anais do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFOP, 2001, Ouro Preto. Humanidades Universidade e Democracia. <www.ufop.br/ichs/conifes/conifes.htm>. Acessado em julho de 2013.

MARCUSCHI, Luis Antônio. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 8. ed. -São Paulo: Cortez, 2007

ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula**: Praticando os PCNs. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000. (Coleção As Faces da Linguagem).

ROSA, Ana Amélia Calazans da. **Gêneros orais na escola pública**: o gênero debate na formação crítica do sujeito. In: Revista EntreLetras. Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT – nº 1 – 2010/II. Disponível em <<https://www.gêneros orais na escola pública: O gênero debate na formação crítica do sujeito>> acesso em novembro de 2013.

ROJO; SCHNEUWLY. **As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos**: o caso da conferência acadêmica. In: Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 463-493, set./dez. 2006: acesso em 05/05/13

Revista Nova Escola, Março 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impressas/230.shtml>>. Acesso em: 30 junho de2013.

SCHNEUWLY, B. (2004). Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de R. H. R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 129-147.

SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e tipos de discurso**: considerações psicológicas e ontogenéticas. 1994